CONJUNTURA INTERNACIONAL
PUC Minas

A INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL DE IMIGRANTES DE LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL: AS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS IMIGRANTES

Socioeconomic and Cultural Integration of Spanish-Speaking Immigrants in Brazil: Perceptions and Experiences of Immigrants

La integración socioeconómica y cultural de los inmigrantes hispanohablantes en Brasil: percepciones y experiencias de los inmigrantes

Florença Amorim Cunha Borges Arruda
Universidade Federal de Goiás (UFG) – Mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais, Brasil
floramorimborges@hotmail.com

Marília Fernandes Rodrigues de Macêdo
Universidade de Brasília (UnB) - Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Departamento de Estudos Latino-Americanos, Brasil
frmmarilia@gmail.com

Marina Bolfarine Caixeta
Universidade Federal de Goiás (UFG) - Doutora em Ciências Sociais e professora do Curso de Relações Internacionais, Brasil
marina.caixeta@ufg.br

Dossiê recebido(a) em: 30 mar. 2025 | Aceito(a) em: 11 nov. 2025.

RESUMO

Este estudo analisa como imigrantes de língua espanhola vivenciam sua integração socioeconômica e cultural no Brasil, e de que modo raça, gênero e nacionalidade influenciam essa experiência. A pesquisa qualitativa foi feita com base em entrevistas semiestruturadas e considera variáveis como qualificação profissional, nacionalidade, conhecimento do português e tempo de permanência no país, evidenciando as oportunidades e os desafios para a integração desses imigrantes.

Palavras-chave: migração internacional, integração socioeconômica, integração cultural, imigrantes de língua espanhola.

ABSTRACT

This study analyzes how Spanish-speaking immigrants experience their socioeconomic and cultural integration in Brazil, and how race, gender, and nationality influence this process. The qualitative research is based on semi-structured interviews and considers variables such as professional qualification, nationality, knowledge of Portuguese, and length of stay in the country, highlighting both the opportunities and challenges involved in the integration of these immigrants.

Keywords: international migration, socioeconomic integration, cultural integration spanish-speaking immigrants.

RESUMEN

Este estudio analiza cómo los inmigrantes hispanohablantes viven su integración socioeconómica y cultural en Brasil, y de qué manera la raza, el género y la nacionalidad influyen en dicha experiencia. La investigación cualitativa se basó en entrevistas semiestructuradas y considera variables como la calificación profesional, la nacionalidad, el conocimiento del portugués y el tiempo de residencia en el país, evidenciando las oportunidades y los desafíos para la integración de estos inmigrantes.

Palabras clave: migración internacional, integración socioeconómica, integración cultural, inmigrantes hispanohablantes.

1 INTRODUÇÃO

As transformações econômicas, políticas, demográficas e culturais intensificadas a partir da década de 1980, aprofundaram desigualdades estruturais entre as regiões do globo, e reconfiguraram a mobilidade internacional. Os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação econômico-produtiva global (Beaninger; Patarra, 2004).

Na América Latina, os deslocamentos intrarregionais refletem as contradições históricas e políticas da região, marcadas por desigualdade, instabilidade democrática e vulnerabilização social, e por isso não podem ser reduzidos à busca por "melhores condições de vida" ou à fuga de "crises humanitárias". Os movimentos respondem a variações econômicas e episódios de instabilidade política, intensificando-se nas últimas décadas com o avanço da migração Sul-Sul (Baeninger, 2018). A securitização das fronteiras no Norte global também contribui para o redirecionamento desses fluxos dentro da própria região (Baeninger; Patarra, 2004).

Nesse contexto, discutimos neste artigo alguns elementos centrais que podem caracterizar o fluxo migratório de falantes de língua espanhola para o Brasil, uma tendência que tem ganhado crescente relevância ao longo das últimas décadas. Historicamente, o Brasil tem sido um importante destino destes imigrantes, especialmente os provenientes de países da América Latina. Tais movimentações refletem não apenas conjunturas adversas, mas também estratégias sociais de enfrentamento e reconstrução de projetos de vida em um cenário regional marcado por assimetrias persistentes (Observatório das Migrações Internacionais, 2020).

A criação do Mercosul (1999) e o Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Parte (2009), configuraram um novo marco nas dinâmicas migratórias sul-americanas. Esses instrumentos institucionalizaram mobilidades pré-existentes, facilitando a regularização. Ao garantir acesso a direitos fundamentais, o bloco reconhece a pluralidade de motivações nos fluxos intrarregionais e promove um modelo de integração com foco social e humano.

Como apontado por Sandes (2011), as migrações no Mercosul não seguem o paradigma tradicional que prioriza deslocamentos em direção ao Norte global, mas redesenham a mobilidade regional, abrindo espaço para formas de inserção social, produtiva e familiar que se conectam a um projeto mais amplo de integração. No entanto, a presença contínua de imigrantes de língua espanhola no Brasil não se traduz automaticamente em processos homogêneos de integração. Assim, a vivência desses imigrantes no país pode ser compreendida a partir da interseção de múltiplos fatores, como origem nacional, qualificações profissionais e até mesmo traços subjetivos, como a

personalidade – elementos que, por sua vez, são atravessados por marcadores de gênero, raça e etnia.

Nesse sentido, a abordagem interseccional se torna relevante ao nos permitir entender como essas dimensões se combinam e afetam a experiência de integração de imigrantes. Ela revela os desafios e as oportunidades que podem ser comuns a todos, mas podem, ao mesmo tempo, impactar diferentemente algumas pessoas por estarem condicionadas aos estereótipos e preconceitos no país de destino quanto à nacionalidade, raça-etnia e gênero.

A pergunta de pesquisa busca entender como imigrantes de língua espanhola vivenciam sua integração socioeconômica e cultural no Brasil, e de que modo raça, gênero e nacionalidade influenciam essa experiência. Nossa hipótese é a de que existem diferenças na experiência de dita integração desses imigrantes de língua hispânica que estão, sobretudo, relacionadas aos países de origem e à qualificação profissional, algo que é reforçado por marcadores sociais como raça-etnia e gênero.

Assim, este estudo busca compreender como imigrantes de língua espanhola vivenciam a sua integração socioeconômica e cultural no Brasil, e de que modo nacionalidade, raça e gênero influenciam essa experiência. Os objetivos específicos são: examinar as motivações que levaram imigrantes de língua espanhola a se estabelecerem no Brasil; identificar os principais desafios enfrentados por eles nos processos de inserção econômica (emprego, renda, reconhecimento profissional) e cultural (idioma, socialização, hábitos); analisar como marcadores sociais de diferença, especialmente raça, etnia e gênero, influenciam as oportunidades e barreiras encontradas no processo de integração e, por fim, interpretar as percepções subjetivas dos próprios imigrantes sobre pertencimento e aceitação no contexto brasileiro.

A escolha da população de língua hispânica como foco deste estudo justifica-se pela proximidade linguística com o português do Brasil e por elementos culturais compartilhados no contexto latino-americano, o que, em tese, poderia amenizar barreiras simbólicas e comunicacionais no processo migratório. O Brasil, com sua dimensão continental e relativa projeção no Sul global (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2013), é percebido como destino possível por diferentes grupos da América Latina em função de dinâmicas econômicas e geopolíticas. O recorte da pesquisa, entretanto, inclui também imigrantes da Espanha, considerando o interesse em investigar o impacto dos vínculos linguísticos e culturais na comparação com os grupos regionais.

Para tanto, foram entrevistadas pessoas de diferentes nacionalidades, visando identificar diferenças e semelhanças entre os grupos nacionais. A pesquisa de campo realizada valoriza as experiências e percepções dos migrantes entrevistados e pretende

contribuir para levantar algumas questões (e categorias) quanto ao processo de integração dos migrantes no Brasil. Conforme aponta Baeninger (2018), as novas migrações Sul-Sul exigem aprofundamento empírico e teórico diante das crises contemporâneas.

Segundo Bourdieu no prefácio do livro de Abdelmalek Sayad (1998, p.12), o imigrante é esse "extraordinário analista das regiões mais obscuras do inconsciente" ao nos permitir explorar as dissimulações discursivas como na relação do Estado e nação ou nacionalidade quanto à questão de cidadania "ao considerar o Estado como uma expressão da Nação, justificam-se pretendendo fundar a cidadania na comunidade de língua e de cultura (quando não de 'raça'), como também a 'generosidade' assimilacionista, que, confiante em que o Estado, armado com uma educação, saberá produzir a Nação, poderia dissimular um chauvinismo do universal."

Essa relação entre o Outro e o Nós (Mesmo) plasmada na fronteira entre o ser e o não-ser em determinada sociedade é o que nos interessa aqui na coleta dos depoimentos de migrantes. Ela requer "acima de tudo, olhando [olhar] de perto os detalhes mais ínfimos e mais íntimos da condição dos 'imigrantes'" (Bourdieu, 1998, p. 11). Essa problematização está, certamente, marcada por um 'olhar' voltado para o Sul global na escolha das dimensões social, econômica e cultural. Assim, essa pesquisa pretende compartilhar depoimentos de imigrantes no Brasil.

A metodologia da pesquisa de campo consiste na aplicação de entrevistas semiestruturadas, realizadas por meio da ferramenta "*Google Forms*", com um total de 10 respondentes imigrantes de língua espanhola residentes em diferentes partes do Brasil, sem pretender ser representativa, mas escolhidos aleatoriamente a partir do nosso acesso aos respondentes. A escolha das entrevistas semiestruturadas se deve à flexibilidade no processo de coleta de dados, possibilitando que, além das categorias previamente selecionadas, os entrevistados pudessem expressar suas experiências e percepções de forma aberta. As categorias que habilitaram as perguntas da pesquisa direcionam questões essenciais apontadas pela literatura sobre o problema de pesquisa (Manzini, 1996).

A análise será baseada na abordagem interseccional, que se consolidou como uma ferramenta essencial para as ciências sociais contemporâneas, trazendo um olhar crítico e inovador para o estudo das desigualdades. De acordo com Fassa, Lépinard e Roca i Escoda (2016), esse conceito impulsionou novas abordagens teóricas e empíricas, ampliando a compreensão sobre como diferentes formas de opressão se entrelaçam. Ainda segundo as autoras, seu potencial crítico tornou-se indispensável tanto na pesquisa acadêmica quanto nas discussões políticas ao permitir análises mais complexas e contextualizadas das dinâmicas sociais.

A abordagem interseccional, desenvolvida por Patricia Hill Collins e Simone Bilge (2021), e pioneiramente articulada no contexto latino-americano por Lélia Gonzalez (2020), fornece lente analítica fundamental para entender as desigualdades estruturais que moldam a experiência dos migrantes de língua espanhola no Brasil. A interseccionalidade "trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras" (Crenshaw, 2002). Gonzalez (2020), ao analisar o racismo à brasileira, demonstra como opera de forma velada através de mecanismos de denegação, sendo crucial para interpretar as hierarquias raciais e nacionais no processo de integração dos migrantes entrevistados.

Este artigo, além desta seção introdutória, traz, na segunda seção, o contexto da migração de falantes da língua espanhola para o Brasil, buscando fornecer o panorama das migrações para o Brasil, mais notadamente no eixo Sul-Sul, e, na terceira seção, a análise dos dados das entrevistas, ressaltando os achados através de categorias analíticas construídas pela pesquisa.

2 O CONTEXTO DA MIGRAÇÃO DE FALANTES DE LÍNGUA ESPANHOLA PARA O BRASIL: A MIGRAÇÃO SUL-SUL

Na última década (2011-2019), os latino-americanos representaram a maioria dos imigrantes que fixaram residência no Brasil, com destaque para venezuelanos, bolivianos e paraguaios (Observatório das Migrações Internacionais, 2024). A concentração desses fluxos reforça a importância de se investigar os processos de inserção social desses grupos, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas que vão além do controle migratório, abrangendo acolhimento e garantia de direitos.

Embora o foco principal seja a imigração latino-americana, que representa as três nacionalidades mais recebidas pelo Brasil, este estudo também contempla migrantes da Espanha, visando comparar como identidade cultural, língua, raça-etnia e nacionalidade influenciam a integração. A migração espanhola para o Brasil cresceu após a crise econômica de 2008, quando cerca de 700 mil espanhóis emigraram devido ao desemprego, à precarização e à desilusão com as instituições políticas (Johanson, 2014).

Apesar dessa migração Norte-Sul, tal cenário evidencia a centralidade que o eixo Sul-Sul assumiu nos estudos e nas políticas migratórias contemporâneas. Desde o início do século XXI, destaca-se a importância de reconhecer o papel dos países do Sul global tanto como emissores quanto como receptores de fluxos migratórios. Iniciativas como o Pacto Global para Migração (2018) apontam para a urgência de construir uma governança internacional

que garanta o direito de migrar – conforme reconhecido na Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 – promovendo migrações seguras, ordenadas e regulares.

Há múltiplos enfoques quanto ao fenômeno das migrações tão variados quanto aos distintos campos científicos, no entanto, como um 'fato social total' (Sayad, 1998) este fenômeno agora se desdobra em novos 'lugares de fala', dos imigrantes 'do' e 'para' o Sul global. Essa nova abordagem é essencial para desenvolver estratégias mais conectadas à realidade da acolhida e da integração. No geral, uma governança migratória alinhada ao Sul global deve considerar as experiências históricas e sociais dos grupos de migrantes e dos grupos da acolhida como base para políticas públicas. Em específico, essas políticas devem ultrapassar enfoques centrados apenas na dimensão política, da soberania estatal e na securitização das migrações.

O eixo Sul-Sul do fenômeno da migração aparece duplamente marcado na sociedade de saída, de onde o 'emigrante' pode ser qualificado, e na sociedade de origem, onde o 'imigrante' adquire uma condição. Sayad (1998, p.13) diz esta ser a maior e primeira oposição que caracteriza os inúmeros estudos, "a ordem linear segundo a qual se desenrola o movimento da emigração e de imigração, em sua dupla dimensão de fato coletivo e de itinerário individual (a trajetória e a experiência singulares do emigrante e imigrante), comanda, assim, a constituição dos diferentes temas [...]"

Aqui, o Sul global é a comunidade de destino, o Brasil, e na percepção dos imigrantes quanto ao espaço qualificado, que vai além do físico, e alcança as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais. Cada uma dessas dimensões poderia ser aprofundada por diferentes teorias e ciências específicas, mas aqui estão reunidas nas diferentes categorias escolhidas, a saber: a qualificação profissional (dimensão econômica), país de origem e identidade cultural (dimensão cultural), etnia e gênero (dimensão social).

A reestruturação produtiva do Brasil, em articulação com transformações no contexto internacional, tem exercido influência significativa sobre padrões da mobilidade internacional com destino ao país. Nesse cenário, fatores como a posição geográfica estratégica, o desempenho econômico relativo e a reputação de país acolhedor têm influenciado nos fluxos migratórios no século XXI (Baeninger; Patarra, 2004). Embora o volume, a composição e a intensidade desses deslocamentos para o Brasil sejam heterogêneas, observa-se uma tendência consistente de predominância da imigração de latino-americanos, sobretudo a partir dos primeiros anos deste século.

O Brasil ocupa um papel central nas dinâmicas migratórias Sul-Sul, consolidando-se como um dos principais destinos para migrantes e solicitantes de refúgio provenientes de países da América Latina, do Caribe e da África. Não obstante, a distinção entre imigrantes e refugiados tem sido insuficiente para capturar a complexidade dos fluxos migratórios em

direção ao país. Essa questão reflete os desafios globais na definição de quem tem acesso à proteção internacional e quem é classificado como migrante econômico. Isso impacta, consequentemente, os direitos e acesso a políticas públicas (Rossa; Menezes, 2018).

No contexto das migrações Sul-Sul, a atuação do Estado brasileiro revela tensões entre avanços normativos e práticas seletivas na gestão da mobilidade internacional. A promulgação da Lei nº 13.445/2017 significou a superação do Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/1980), instituindo um novo marco regulatório orientado pela garantia de direitos e pelo reconhecimento da migração como um fenômeno multidimensional.

No entanto, a aplicação dessa legislação convive com estratégias diferenciadas de tratamento a distintos grupos nacionais, moldadas por interesses políticos, econômicos e pela natureza das relações diplomáticas envolvidas. Ademais, a presença de elementos relacionados à cultura também assume influência significativa nesse processo de integração, como os marcadores raciais, étnicos e de gênero, influências essas que vão além das ações das autoridades públicas e são determinadas pela sociedade brasileira.

3 A INTEGRAÇÃO DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS NO BRASIL: ALGUNS ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Com base nas entrevistas realizadas, esta seção apresenta achados preliminares sobre o processo de integração socioeconômico e cultural de migrantes de língua espanhola no Brasil. As análises foram orientadas por cinco categorias: 1) *qualificação profissional*, para avaliar a experiência quanto ao impacto da experiência profissional dos imigrantes na sua integração ao mercado de trabalho brasileiro; 2) *país de origem*, para examinar como a nacionalidade influencia a aceitação social e as oportunidades econômicas dos imigrantes; 3) *etnia*, para investigar como as percepções étnico-raciais da população brasileira afetam a integração social e profissional dos migrantes; 4) *gênero,* para analisar as diferenças na experiência migratória entre homens e mulheres, incluindo os aspectos de vulnerabilidade; 5) *identidade cultural*, que considera a influência das tradições, hábitos e sotaques na formação de redes sociais e na aceitação dos imigrantes pela sociedade brasileira.

Partindo dessas categorias analíticas, a análise foi orientada pelo compromisso com a centralidade das vozes dos imigrantes, a quem damos protagonismo neste trabalho de escuta sensível (Zamora, 2021), reconhecendo-os como sujeitos ativos na produção de sentido sobre suas próprias trajetórias. A partir disso, buscamos compreender como esses fatores se articulam na conformação de trajetórias de integração socioeconômica e cultural dos imigrantes de língua espanhola no Brasil.

3.1 As pessoas imigrantes entrevistadas

A amostra da pesquisa é composta por dez imigrantes de língua espanhola, sendo três oriundos do México, dois da Venezuela, dois do Peru, um da Argentina, um de Cuba e um da Espanha.

Do total de entrevistados, oito são homens e duas são mulheres, com idades entre 29 e 56 anos. O tempo de residência no Brasil variou de 1 ano e meio a 35 anos, sendo este um aspecto analiticamente relevante, pois considera-se que a trajetória migratória é dinâmica e que a percepção de pertencimento e integração pode se transformar ao longo do tempo. Por esse motivo, a investigação buscou focar nas experiências vivenciadas nas etapas iniciais da trajetória migratória, momento marcado por maiores vulnerabilidades. O quadro a seguir apresenta o perfil sociodemográfico das pessoas entrevistadas.

Quadro 1 – O perfil das pessoas imigrantes entrevistadas

NOME (iniciais)	IDADE (anos)	PAÍS DE ORIGEM	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO BRASIL	MOTIVO DA VINDA	RESIDÊNCIA ATUAL
J.C.	45	Espanha	11 anos e 8 meses	Casamento com brasileira	Trindade (GO)
S.T.	33	México	1 ano e 8 meses	Relacionamento	Goiânia (GO)
I.H.	47	Venezuela	7 anos	Refúgio	-
M.M.	51	México	12 anos	Vínculo familiar	-
M.B.	29	Venezuela	6 anos	Crise na Venezuela e vínculo familiar	Goiânia (GO)
D.M.	38	Argentina	11 anos	Trabalho	Goiânia (GO)
S.T.	32	México	4 anos	Trabalho e relacionamento	Belo Horizonte (MG)
A.S.	53	Cuba	1 ano e 6 meses	Refúgio	Goiânia (GO)
J.V.	56	Peru	35 anos	Estudos	Goiânia (GO)
P.S.	42	Peru	4 anos	Trabalho	Retornou ao Peru

Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas realizadas para esta pesquisa (2024).

3.2 Os fatores relevantes no processo de integração socioeconômica e cultural

A análise dos motivos de migração revela uma diversidade de fatores, que vão desde razões político-econômicas, vínculos afetivo-familiares até elementos culturais da sociedade de destino. Entre os entrevistados provenientes da Venezuela e de Cuba, identificam-se motivações associadas a contextos de crise socioeconômica e instabilidade política, o que os levou a solicitar refúgio ou a buscar alternativas de sobrevivência no Brasil. No caso venezuelano, um dos migrantes possui familiares no país, o que influenciou sua decisão de mobilidade. Já os demais migrantes — oriundos do México, Espanha, Argentina e Peru — indicaram razões predominantemente pessoais: relacionamento afetivo, laços familiares, inserção no mercado de trabalho ou oportunidade de estudos. Esses migrantes não indicaram motivações diretamente relacionadas a crises estruturais em seus países de origem.

A resposta à pergunta “como foi a sua recepção ao chegar ao Brasil?” foi positiva em 100% dos casos. Entrevistados da Venezuela, Peru, Argentina, Espanha e Cuba descreveram a recepção como “muito boa”. Ou seja, mesmo sendo uma pergunta aberta, 50% dos entrevistados responderam da mesma forma.

Um dos peruanos relatou diferentes reações de brasileiros em diferentes cidades onde morou: “curiosa, acolhedora, amigável, indiferente por alguns”. Um dos mexicanos mencionou que os processos burocráticos foram simples e que as pessoas foram muito amáveis, e outro mexicano falou que a experiência foi tranquila. Um dos venezuelanos respondeu: “adaptação não teve muito impacto porque tive apoio de vários brasileiros”. Logo, nenhum entrevistado relatou uma má experiência ou uma visão negativa da recepção inicial brasileira.

As respostas indicam que, no momento da chegada, não foram observadas diferenças significativas na recepção por parte da população brasileira em função da nacionalidade dos entrevistados. Tanto aqueles em situação de refúgio quanto os provenientes de países com maior estabilidade econômica relataram experiências iniciais de acolhimento positivo.

A pergunta “como você descreveria sua interação com brasileiros em geral?” pode ser usada para complementar essa análise. Para guiar a resposta segundo o objetivo desta pesquisa, junto à pergunta foram oferecidos exemplos de interação: “xenofobia, exaltação ao estrangeiro, animosidade, inimizade...”. A pergunta foi formulada de maneira aberta, permitindo que os entrevistados elaborassem livremente suas percepções. Apenas um dos respondentes — um imigrante peruano — relatou ter vivenciado situações pontuais de xenofobia. Todos os demais descreveram interações positivas com a população local.

O relato do entrevistado espanhol sugere que a nacionalidade e a branquitude podem favorecer a recepção no Brasil. O entrevistado alegou que sentia uma exaltação ao estrangeiro e completou que, na sua experiência de quase 12 anos vivendo no Brasil, ele sente que o brasileiro é mais receptivo a estrangeiros provenientes da Europa ou dos Estados Unidos. Em sua experiência, esses grupos seriam mais bem recebidos por parte da população brasileira, o que estaria relacionado à percepção de superioridade cultural e racial atribuída a esses países.

Um grande grupo de respondentes usou adjetivos como “maravilhosa” e “legal” para descrever a interação com brasileiros, bem como “muito receptivos” e “muito gentis” para descrever os brasileiros. Entrevistados da Venezuela, Cuba, Argentina e México usaram as expressões mencionadas e tiveram apenas relatos positivos. Um mexicano e um peruano afirmaram que sentem, por parte dos brasileiros, uma curiosidade em relação a eles como imigrantes e à sua cultura. Este peruano destacou que há certa ignorância dos brasileiros em relação a alguns elementos culturais e geográficos de seu país de origem, enquanto o mexicano destacou que alguns brasileiros gostam de comentar o que sabem sobre o país dele, atitude que ele aprecia.

Quanto às dificuldades encontradas em seus primeiros meses no Brasil, a barreira linguística foi o aspecto mais frequentemente mencionado pelos entrevistados. Tal achado contraria a suposição inicial de que a semelhança entre as línguas espanhola e portuguesa seria um facilitador no processo de integração sociocultural. Dos 10 entrevistados, 8 relataram ter enfrentado dificuldades linguísticas. Ainda que a semelhança entre as línguas possa facilitar a interação com os brasileiros, quando se estabelece em um novo país de destino, a pessoa precisa compreender a língua local em sua completude, e não apenas se comunicar de forma básica, visando resolver problemas burocráticos, interpretar sentimentos e comunicar emoções em situações de tensão ou conflito, o que representa um desafio significativo quando não se domina plenamente a língua local.

Das oito pessoas que mencionaram a língua como uma das maiores dificuldades, quatro falaram exclusivamente sobre isso no campo de dificuldades. Comida e hábitos alimentares foram mencionados por três pessoas. Mais uma vez, vemos que apesar de os países não terem grandes diferenças nesse sentido (como teria com um país asiático, por exemplo), o fato de ser uma mudança de longo prazo e não apenas uma viagem de turismo ou um período temporário impactou os entrevistados. Também foram mencionadas as dificuldades de se localizar na cidade, de encontrar um local para morar, a diferença na relação com os horários, o transporte público e a burocracia.

Ao serem perguntadas como lidaram ou lidam com essa dificuldade com a língua, surgiram respostas diferentes. Uma das pessoas venezuelanas disse que se esforçava para

falar e compreender o português. Um dos peruanos mencionou que enfrentou esse desafio tendo paciência e pedindo para as pessoas falarem mais devagar. Outro entrevistado peruano afirmou que prestava atenção na estrutura da língua e nas variantes regionais. Já o entrevistado espanhol, mesmo após quase 12 anos vivendo no país e falando português muito bem, comentou que ainda encontra dificuldades em ser compreendido por algumas pessoas por causa de seu sotaque, e por isso ele fala devagar para facilitar a compreensão.

Acerca dos aspectos socioculturais, perguntamos "você sente que sua cultura é bem aceita no Brasil? Pode dar exemplos positivos e/ou negativos?". Quatro pessoas mencionaram que acreditam que sua cultura não seja muito conhecida no Brasil. O espanhol afirmou que a sua cultura não é tão conhecida, apenas alguns elementos específicos, como o futebol espanhol, especialmente devido ao peso cultural que o esporte tem no Brasil. Um dos mexicanos mencionou que apesar de os brasileiros terem uma boa percepção do México, não conhecem bem a cultura e possuem alguns preconceitos, como em relação ao narcotráfico. Outro mexicano mencionou que os clichês e estereótipos são marcantes e que existe muita desinformação. Um dos peruanos afirmou que apesar de brasileiros não conhecerem bem sua cultura e história, ele percebia muito respeito e curiosidade.

Outros aspectos mencionados foram a semelhança na gastronomia, algo relatado por uma pessoa da Venezuela e uma da Argentina. Um dos mexicanos mencionou que Brasil e México possuem mais tradições e costumes em comum que a maioria pessoas imagina, e isso une os dois países. A cubana afirmou que se sente aceita devido à empatia que existe entre os latinos. Já uma das pessoas da Venezuela disse que a aceitação da sua cultura depende, pois, segundo ela, "como muitos venezuelanos vieram para roubar ou pedir dinheiro na rua, há uma certa percepção ruim".

Quanto aos aspectos socioeconômicos, sobre "qual foi a principal fonte de renda ao chegar ao Brasil", apenas duas pessoas disseram que trouxeram dinheiro guardado para se manterem no início de sua vida no país. À exceção de uma pessoa que não quis responder à pergunta por achar particular, todos os demais respondentes disseram que encontraram trabalho e se sustentavam com o que ganhavam no Brasil desde que chegaram. Três pessoas trabalharam em restaurantes, duas davam aulas de línguas, uma era assistente administrativa e uma tinha um emprego em uma multinacional.

Para compreender os impactos da migração na trajetória profissional dos entrevistados, perguntou-se se a ocupação exercida em seus países de origem havia sido determinante para sua inserção no mercado de trabalho brasileiro. Oito dos dez participantes relataram não atuar em sua área de formação. Em seguida, foi solicitado que especificassem suas ocupações anteriores e atuais, por meio da pergunta: "Qual era a sua profissão no seu país de origem e qual você exerce no Brasil?". Apenas um entrevistado — um peruano que

migrou por motivos profissionais — afirmou exercer a mesma função em ambos os países, atuando como chefe de cozinha.

Todas as demais pessoas exercem funções diferentes daquelas que exerciam em seu país de origem. Um caso que reforça estereótipos depreciativos é o da cubana, que em seu país era pedagoga e diretora de escola, e no Brasil começou lavando pratos em um restaurante e depois, por ter conhecido um outro hispânico, dono de uma escola de idiomas, foi trabalhar lá como secretária. O estereótipo do país de origem (Cuba, tido como um país pobre e desigual) somado ao de gênero (mulher, frequentemente associada a trabalhos domésticos) fizeram com que uma pessoa estudada e com um cargo alto e respeitado em Cuba tivesse que se submeter a um trabalho braçal e, depois, a um trabalho abaixo da sua capacidade, habilitação e realidade em Cuba.

Um dos venezuelanos relatou que, apesar de ocupar uma posição de estabilidade no setor público em seu país de origem, precisou aceitar empregos de baixa qualificação ao chegar ao Brasil – inicialmente em uma lanchonete e, posteriormente, como *sommelier* – o que evidencia a complexidade das trajetórias profissionais de migrantes no processo de reinserção laboral. Embora se trate de uma experiência individual, ela permite refletir sobre como desigualdades estruturais e a percepção social associada à origem nacional podem interferir nas oportunidades oferecidas no país de destino, especialmente no contexto de fluxos migratórios provenientes de países marcados por instabilidade política e econômica.

Em contraste com os desafios enfrentados por alguns entrevistados, há casos que ilustram trajetórias de inserção profissional mais estáveis. O entrevistado espanhol relatou que, embora tenha migrado do setor de diagnóstico clínico na Espanha para a docência em língua espanhola no Brasil, sua percepção é de que seu padrão de vida permaneceu estável. De forma semelhante, um dos mexicanos — médico sanitarista e epidemiologista em seu país de origem — passou a atuar na área de comércio exterior, onde encontrou melhores oportunidades no Brasil. Esses casos sugerem que, embora nem sempre haja continuidade na área de formação, o acesso a empregos com maior valorização social e econômica pode estar relacionado a uma combinação de fatores, como nacionalidade, racialização e reconhecimento de qualificações.

A entrevistada venezuelana que possui familiares no Brasil atuava como psicóloga organizacional em seu país de origem. No Brasil, inicialmente trabalhou como assistente administrativa com remuneração equivalente a um salário-mínimo, e atualmente exerce a função de estrategista de marketing digital. Um dos mexicanos também descreveu uma trajetória marcada por mudanças: formado em ciência política, trabalhou em uma multinacional de tecnologia ao chegar ao país e, hoje, atua como chefe de cozinha especialista em culinária mexicana tradicional.

Quando questionados, por meio de pergunta fechada, se consideravam que sua nacionalidade havia beneficiado ou prejudicado sua acolhida no Brasil, todos os entrevistados responderam que a nacionalidade os beneficiou. Considerando uma abordagem interseccional, pode-se inferir que os marcadores de raça e etnia incidem nas experiencias de integração dos imigrantes. Embora a nacionalidade possa, por si só, gerar aceitação ou rejeição, ela raramente opera isoladamente: está imbricada a outros marcadores sociais, como origem étnico-racial e gênero, os quais modulam as formas de recepção e tratamento no país de destino.

No caso dos entrevistados, observou-se que nenhum deles se autodeclarou negro ou indígena, tampouco apresentava traços fenotípicos frequentemente associados a esses grupos. A relativa inserção visual em padrões hegemônicos de branquitude ou mestiçagem pode ter atenuado experiências de discriminação explícita. Tal fator pode ter contribuído para que a nacionalidade, nesse recorte específico, operasse mais como facilitadora do que como obstáculo à integração no Brasil.

Acerca da análise sociocultural, perguntamos: “como você avalia sua adaptação ao cotidiano brasileiro (exemplos: comida, hábitos, valores culturais)?”. Seis pessoas afirmaram que estão bem adaptadas e que a adaptação foi “muito boa”, “tranquila” ou “confortável”.

Em uma fala que combina percepções subjetivas com trajetória temporal, o entrevistado espanhol afirmou se sentir mais integrado e com mais conhecimento da cultura, história e sociedade brasileira. É válido transcrever suas palavras: “porém, foi difícil nos primeiros anos, já que há uma tendência de comparar o seu país de origem com o país de acolhida. Somente depois de passar essa fase, consegui me sentir mais integrado e com maior vontade de conhecer a história, os comportamentos sociais dos brasileiros...Hoje em dia, poderia dizer que estou adaptado, porém não deixo de me sentir como um estrangeiro, ainda que esteja naturalizado brasileiro”.

Nessa mesma linha, um dos peruanos disse que a adaptação foi tranquila, embora ele tenha escolhido não se integrar totalmente, por opção, mesmo após 35 anos de residência no Brasil. Um dos mexicanos alegou que a adaptação ao cotidiano local foi mais fácil que em outros países onde ele já morou, especialmente porque os brasileiros, nas palavras dele, são “abertos, comunicativos e flexíveis como os mexicanos”.

A pergunta final do questionário buscava identificar se os entrevistados já haviam sofrido algum tipo de preconceito no Brasil e, em caso afirmativo, de que natureza. A maioria relatou não ter vivenciado situações de preconceito pessoalmente. Um dos venezuelanos mencionou que, em determinados momentos, percebe que o tratam como “o estrangeiro”. O argentino, por sua vez, relatou que frequentemente escuta comentários como “ele é argentino”, embora tais observações não se aprofundem. De modo geral, infere-se a

existência de certo estranhamento diante da alteridade, mas não foram relatados episódios explícitos de xenofobia.

Um dos entrevistados mexicanos mencionou que o México é frequentemente associado ao narcotráfico no imaginário coletivo, o que pode gerar estigmas. No entanto, ele ressaltou que, em sua experiência pessoal, esse preconceito não foi direcionado a ele. Um dos peruanos também afirmou que sente que, às vezes, existe preconceito com o fato de ser estrangeiro e que isso está relacionado a más impressões deixadas por outros estrangeiros anteriormente.

Já o espanhol afirmou que ele não diria ter sofrido preconceito, mas que os brasileiros não gostam de como os espanhóis são sinceros e diretos e sente que, muitas vezes, o tenham visto como grosso ou mal-educado. Esses relatos apontam para a existência de estereótipos associados a nacionalidades específicas, que, ainda que nem sempre resultem em discriminação direta, podem afetar a forma como indivíduos imigrantes são percebidos e tratados em interações cotidianas. Tais percepções reforçam a importância de compreender os efeitos simbólicos da nacionalidade na construção das relações sociais no contexto de acolhimento.

Os entrevistados responderam às perguntas da entrevista, que se encontram em anexo, e estas foram transformadas nas cinco categorias abaixo. As categorias foram pré-estabelecidas, com base na literatura sobre o fenômeno da migração, que combinam a experiência de integração socioeconômica e cultural dos imigrantes de língua espanhola no Brasil.

3.2.1 Qualificação profissional

Quanto ao mercado de trabalho e às barreiras de inserção profissional, nota-se que a inserção dos migrantes de língua espanhola no contexto brasileiro ocorre de forma desigual. Fatores como nacionalidade, cor da pele, gênero e qualificação profissional impactam diretamente nas oportunidades econômicas desses imigrantes. As estruturas de poder não operam isoladamente, mas se reforçam mutuamente, criando hierarquias sociais que afetam diretamente as trajetórias individuais (Collins; Bilge, 2021).

As entrevistas indicam que a maioria dos imigrantes não atua em sua área de formação no país de destino. Entre os entrevistados oriundos de países marcados por instabilidade econômica, observam-se trajetórias laborais mais precárias, com inserções em postos de trabalho desvalorizados ou em setores com baixa regulamentação.

A exemplo disso, está o caso da entrevistada cubana, que em seu país era pedagoga e diretora de escola. No Brasil, inicialmente trabalhou na área de limpeza de um restaurante, e

atualmente ocupa a função de secretária de uma escola de idiomas. Ainda que tenha alcançado certa estabilidade, sua ocupação atual revela um descompasso entre sua formação e sua inserção no mercado de trabalho brasileiro.

Situação semelhante é observada no caso do entrevistado venezuelano, que anteriormente ocupava cargo técnico em uma empresa estatal e, após chegar ao Brasil como solicitante de refúgio, trabalhou em uma sanduicheria de rua. Atualmente atua como *sommelier*, uma função que, embora reconhecida, permanece distante de sua qualificação original.

Dos dez entrevistados, oito não exercem suas profissões de origem, o que aponta para os desafios de revalidação de diplomas, barreiras linguísticas e inserção em um mercado de trabalho segmentado. Tal realidade tende a ser menos acentuada entre imigrantes com maior capital simbólico e econômico, no exercício de profissões nas quais ser imigrante pressupõe uma vantagem comparativa: professor de espanhol, chefe de cozinha ou promotor de comércio exterior com o país de origem.

3.2.2 País de origem (nacionalidade)

Todos os entrevistados relataram, de modo geral, uma recepção positiva ao chegar ao Brasil. O termo "muito boa" foi utilizado espontaneamente por 50% dos entrevistados para descrever a recepção dos brasileiros e, ao menos para essa amostra de pessoas, a nacionalidade não parece ter sido um fator de exclusão social, mas tão-somente determinante para os estereótipos de origem.

O entrevistado espanhol relatou perceber, ao longo de sua permanência de mais de uma década no Brasil, uma certa exaltação ao estrangeiro, especialmente associada à sua origem europeia. Uma das entrevistadas venezuelanas mencionou que alguns brasileiros demonstram uma visão negativa sobre sua nacionalidade, relacionada ao aumento da presença de migrantes venezuelanos em situação de rua. Apesar dessas percepções, nenhum dos entrevistados relatou ter vivenciado uma recepção negativa.

Ademais, o fato de todos os entrevistados terem afirmado que a nacionalidade 'beneficiou' sua chegada ao Brasil indica a necessidade de aprofundar a investigação sobre o papel da nacionalidade, considerando abordagens que a articulem a dimensão sociopolítica e cultural reforçando a importância de ampliar o número de entrevistas e explorar outras formas de abordagem metodológica sobre o tema.

A nacionalidade, nesse contexto, constitui não apenas um dado de origem geográfica, mas um marcador político que influencia o enquadramento jurídico dos sujeitos no país de destino — como refugiados, solicitantes de refúgio ou migrantes econômicos — com

implicações diretas sobre seus direitos e sua visibilidade institucional, conforme discutem Bengochea e Saucedo (2018, p.55).

3.2.3 Raça e Etnia

O marcador de raça-etnia desempenha papel central nas oportunidades concedidas. Como demonstra Lélia Gonzalez (2020) em sua análise do racismo à brasileira, opera-se uma hierarquização racial velada que associa branquitude europeia a prestígio simbólico, facilitando acesso a ocupações qualificadas, enquanto migrantes indígenas ou afrodescendentes enfrentam barreiras (Fernando; Cardoso; Domingos, 2022) .

Essa hierarquização racial opera tanto na percepção social quanto nas práticas institucionais, moldando quem é identificado como “expatriado" ou "estrangeiro de prestígio", e quem é enquadrado nos estigmas de "trabalhador braçal" ou "imigrante ilegal". Tais dinâmicas influenciam diretamente os tipos de ocupações disponíveis, os níveis de remuneração e o reconhecimento profissional a que esses sujeitos têm acesso.

Neste estudo, nenhum entrevistado se autodeclarou negro ou indígena, resultando em ausência de relatos explícitos de discriminação racial ou étnica. Essa ausência, como aponta Lélia Gonzalez (2020) pode confirmar que a branquitude ou a mestiçagem protege certos grupos. A exceção foi um dos peruanos, que é pardo e possui características fenotípicas indígenas, e relatou episódios pontuais de discriminação em diferentes cidades, evidenciando como marcadores raciais influenciam percepções.

3.2.4 Gênero

No que tange ao marcador de gênero, observa-se que a inserção de mulheres imigrantes no mercado de trabalho brasileiro não é homogênea, nem segue um padrão único de segmentação ocupacional. Ainda que normas de gênero e estereótipos culturais influenciem o direcionamento dessas mulheres para determinadas atividades — como os setores de cuidado ou serviços em geral —, o cenário brasileiro revela uma diversidade de inserções, que não se limita majoritariamente ao trabalho doméstico ou de limpeza, como ocorre em outras regiões, notadamente na Europa e Estados Unidos, como aponta o Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (2023).

As experiências relatadas nas entrevistas evidenciam casos de inconsistência de *status*, vivenciadas pelas duas mulheres imigrantes da amostra — uma cubana e uma venezuelana — que ao chegarem no Brasil, não conseguiram atuar em suas áreas de formação. Esses relatos revelam como a divisão sexual do trabalho atravessa as experiências

migratórias, contribuindo para processos de desvalorização das competências profissionais de mulheres imigrantes, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade.

3.2.5 Identidade linguística-cultural

A identidade do "eu" aqui se refere aos valores culturais e pela língua nativa-materna. Este é um fator relevante nas dinâmicas de inclusão e exclusão social e, também, conforme Sayad (1998), uma das funções essenciais do discurso sobre a imigração, pois fala-se objetivamente de si quando se fala dos outros. O sentimento do imigrante, o estrangeiro, se contrapõe ao nativo da sociedade de destino - ou 'sociedade ambiente', como denomina o autor

Assim, mesmo aqueles que possuem domínio funcional da língua portuguesa, a presença de sotaque ou expressões linguísticas regionais, bem como a prática de hábitos tradicionais estrangeiros, pode ser um fator para exclusão social. Isso pode ser explicado pelo constrangimento introduzido pelo migrante que, segundo Sayad (1998, p.21), constitui uma "provação para a ordem nacional, uma espécie de desafio para o conservadorismo social e político que os dominantes desejam manter e, mais amplamente, todos aqueles que têm interesse (e com frequência interesses simbólicos mais do que interesses materiais) na manutenção do status quo."

Este estudo reflete sobre a identidade cultural como dimensão analítica que se articula, mas não se reduz, à nacionalidade e à raça-etnia, sendo constituída por um conjunto de práticas, representações e discursos que afetam a forma como os imigrantes são percebidos e inseridos socialmente.

A maioria dos entrevistados relatou que os brasileiros demonstram pouco conhecimento sobre suas culturas, hábitos e tradições. A dificuldade com a língua portuguesa foi o aspecto mais mencionado, especialmente no que se refere ao vocabulário, expressões idiomáticas e à condução de situações cotidianas. Além disso, muitos relataram que o sotaque estrangeiro frequentemente desperta reações como curiosidade, estranhamento e, por vezes, um tratamento diferenciado, marcado pela percepção do outro como "diferente".

4 CONCLUSÃO

Estamos cientes de que essa pesquisa de campo tratou de reforçar a importância de recuperar a migração como fato social completo, ou seja, que não se torna um problema apenas para as comunidades de destino ou de origem, mas se constitui como um fenômeno a ser observado. Não é nossa intenção produzir um discurso científico que queira compensar

a dignidade dos imigrantes em nosso país, Brasil, mas reforçar a importância de certas discussões e categorias. Sabe-se que as migrações Sul-Sul surgem como algo distinto das migrações tradicionais (Norte-Sul), entretanto, relançam a questão da integração socioeconômica e cultural.

As entrevistas com 10 imigrantes de língua espanhola de 6 nacionalidades revelam processos de integração marcados por diversas similaridades, mas com desafios comuns e percepções recorrentes. De modo geral, as experiências de acolhimento foram predominantemente positivas, com ausência de xenofobia sistemática (houve relato de apenas um caso de xenofobia pontual). A nacionalidade dos entrevistados não foi identificada como fator de exclusão social, mas como elemento que pode reforçar estereótipos. Ainda que a amostra seja limitada, os depoimentos sugerem que o país foi vivenciado como receptivo, onde predomina uma atitude de respeito ou indiferença frente à alteridade nacional. Tais percepções, ainda que situadas, oferecem indícios relevantes sobre os processos de integração social de imigrantes de língua espanhola no contexto brasileiro.

Em relação à hipótese inicial do estudo, que buscou analisar a integração socioeconômica e cultural de imigrantes de língua espanhola no Brasil, constatou-se que a qualificação profissional impacta a integração socioeconômica, especialmente no que se refere à inserção laboral em áreas de formação. Contudo, essa variável não atua isoladamente: os dados evidenciam que gênero, raça-etnia e nacionalidade também exercem influência significativa, conformando experiências marcadas por desigualdades. Tal qual pode se observar nas entrevistas, as trajetórias de imigrantes oriundos da Espanha e de Cuba ilustram de forma expressiva essas assimetrias. A abordagem interseccional revelou-se, portanto, fundamental, ao permitir uma análise das articulações entre diferentes marcadores sociais que operam simultaneamente.

Imigrantes provenientes de países como Venezuela e Cuba, em geral, enfrentaram maiores dificuldades para reconstituir suas trajetórias profissionais no Brasil, com inserções em ocupações menos valorizadas e distintas de suas formações originais. A inadequação entre experiência prévia e inserção no mercado local aponta para entraves estruturais, como a não revalidação de diplomas, barreiras linguísticas e discriminações veladas.

Em especial, a língua espanhola aparece aqui como algo que identifica todos os entrevistados e que impacta diferentemente cada um deles. Como a maioria relatou dificuldade com o idioma (80% dos entrevistados), é preciso colocar a proximidade dos idiomas português e espanhol em perspectiva, porquanto não parece fácil dissociá-lo da adaptação cultural e social. Assim, nossa hipótese inicial de que a proximidade entre as línguas portuguesa e espanhola facilitaria a integração deve ser melhor avaliada em futuras pesquisas. Os depoimentos demonstram que, mesmo com semelhanças linguísticas, a falta

de domínio efetivo da língua local é um obstáculo relevante para a inserção sociocultural e para o acesso a direitos no país de destino.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, Rosana; PATARRA, Neide Lopes. **Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica: Brasil no Mercosul**. Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino-Americana de População. Caxambu: ALAP, 2004.

BAENINGER, Rosana. Contribuições da Academia para o Pacto Global da Migração: o olhar do Sul. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (orgs.). **Migrações Sul-Sul.** 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/UNICAMP, 2018, p. 17-22.

BENGOCHEA, Julieta; SAUCEDO, Silvia E.G. Retos Metodológicos para el estudio de la migración intrarregional en América del Sur. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/UNICAMP, 2018 p.54-65.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Ed.USP, 1998.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora BoiTempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lang=pt.> Acesso em: mar. 2025.

FASSA, Farinaz; LÉPINARD, Éléonore; ROCA I ESCODA, Marta. **L'intersectionnalité: enjeux théoriques et politiques**. Paris: La Découverte, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em: https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.

FERNANDO, I.; CARDOSO, K. M.; DOMINGOS, Óscar S. Migração Sul-Sul e racismo: perspectiva analítica da presença afrosubsaariana lusófona no Brasil. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 11, n. 2, 2022, p. 130–146. DOI: https://doi.org/10.5380/rt.v11i2.87998

JOHANSON, Mark. Crise 'exportou' 700 mil espanhóis - e muitos vieram para a América Latina. **BBC News Brasil**, 16 out. 2014. Disponível em:https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_vert_cap_espanha_trabalho_dg. Acesso em: 15 jan. 2025.

MANZINI, Eduardo J. **A Entrevista na Pesquisa Social**. Didática, v. 26; 27. São Paulo, 1996.

Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). **Resumo Executivo - Relatório Anual 2020**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2020.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano de 2013: a ascensão do Sul: progresso humano num mundo diversificado. Nova York: PNUD, 2013.

ROSSA, Lya Amanda; MENEZES, Marilda A. Entre migrações e refúgio: migrações Sul-Sul no Brasil e as novas tipologias migratórias. *In*: **Migrações Sul-Sul.** 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/UNICAMP, 2018, p. 383-398.

SANDES, Cintiene. Política migratória dos países do Mercosul e a conformidade com a política migratória regional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – ABRI, 3., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ABRI, 2011. Disponível em: https://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Integracao_Regional/IR%2011_Cintiene%20Sandes%20%20Pol+%A1tica%20Migrat+%A6ria%20dos%20Pa+%A1ses%20do%20Mercosul%20e%20a%20conformidade%20com%20a%20Pol+%A1tica.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Ed.USP, 1998.

ZAMORA, M.H. **Apurando a escuta: uma introdução à técnica de entrevistas**. In: SIQUEIRA, Isabel R.; LACERDA, Ana Carolina C. (orgs.) Metodologia e Relações Internacionais: debates contemporâneos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021, v. 3, cap. 4. Disponível em: https://www.editora.puc-rio.br/media/Metodologia%20e%20RI%20v3_ebook.pdf Acesso em: 15 jan. 2025.